

O GAY, O “VIADO” E A “BICHA PÃO COM OVO”: DESCONSTRUINDO ESTERIÓTIPOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Autor: Thalles Azevedo Ladeira

Universidade Federal Fluminense- E-mail: thalles-ladeira@hotmail.com

Resumo: Objetiva-se através desse trabalho problematizar a existência das designações gay, “viado” e “bicha pão com ovo”, a fim de evidenciar que a carga pejorativa presente em alguns desses termos acaba por demarcar uma hierarquização excludente dentro da própria comunidade homossexual. Além disso, procuramos tecer uma reflexão sobre até que ponto a influência dos códigos sociais hegemonicamente impostos pela convenção heteronormativa acabam por servir de “parâmetro” para essas distinções, marcadoras de evidente exclusão social. Munidos de algumas noções cunhadas por Foucault acerca do comportamento e da relação corpo e sociedade, e também de formulações específicas de pesquisadores contemporâneos acerca do mote temático investigado, amparamos nosso argumento de que existe uma relação imperativa de proporcionalidade que ajuda a estabelecer essa escala de designações excludentes. Na medida em que mais se aproxima de um perfil estabelecido pelo parâmetro heteronormativo de masculinidade, maior será a respeitabilidade gozada pelo indivíduo pertencente à comunidade homossexual, ao passo de que quanto mais o indivíduo transgredir esses códigos, maior será sua exclusão, seu desprestígio e a possibilidade de lhe recair a violência em suas mais cruéis facetas. Pensando nisso, esse trabalho, através de um procedimento exploratório de investigação, apresenta-se como material pertinente, na medida em que traz uma abordagem crítica acerca de uma das tantas particularidades acerca das identidades de gênero, a fim de trazer à tona uma problematização que precisa ser comentada e circular mais para que possamos compreender melhor e, assim, possivelmente contribuir na erradicação de práticas de exclusão em nosso trato social.

Palavras-chave: Heteronormatividade, códigos sociais, exclusão.

Introdução

Este trabalho objetiva tratar sobre alguns estereótipos de gênero e sexualidade que circulam no senso comum da sociedade brasileira, e que se desdobram em rótulos e preconceitos a determinados indivíduos da comunidade gay, relegando-os um status de inferioridade, a partir da imposição de padrões estabelecidos socialmente e que se caracterizam hegemônicos.

Tal problemática me despertou o interesse por observar que dentro da estrutura social na qual pertencemos, baseada predominantemente por um binarismo de gênero, há na verdade um pluralismo de possibilidades de existências e de formas de se relacionar com a identidade de gênero e com a sexualidade.

Todavia, tais formas não se encaixam nos parâmetros pré-estabelecidos pela heteronormatividade imposta socialmente. É nesse sentido que são criados as segmentações entre o gay, o “viado” e a “bicha pão com ovo”.

De acordo com o senso comum instituído, o gay é aquele indivíduo que embora tenha a sua orientação sexual categorizada como homossexual, procura ser discreto e goza de um certo respeito por parte da sociedade, pautado na sua “discrição” em relação a sua orientação sexual, o que pode ser associado, em alguma medida, a um enquadramento ao padrão heteronormativo e hegemônico estabelecido, processo o qual, de acordo com Foucault (1987), consiste em uma docilização do corpo e da conduta para atender uma determinada expectativa social.

O “viado”, por sua vez, seria aquele que dá certos indícios de sua orientação sexual e por essa razão recebe da sociedade uma certa hostilização. Ele geralmente não é bem visto socialmente, por expor sua orientação sexual, que aliás, segundo o senso comum é entendido como opção sexual.

É aquele que, segundo a própria sociedade, não detém o respeito social por não se comportar conforme o esperado pelas regras patriarcais impostas pela mesma. É aquele que desafia as normas, se recusa a docilizar o seu corpo e sua conduta, troca beijos e carinhos em público, anda de mãos dadas, em linhas gerais, é aquele que “saiu do armário”.

Já a “bicha pão com ovo”, é aquele que se afasta de modo integral de uma performance masculina esperada pelas convenções, por isso, perturba e provoca. Além dos traços femininos evidentes, destaca-se também por suas indumentárias, que não se configuram, mesmo no contexto gay, como próprias do gênero masculino.

Geralmente são esses indivíduos que mais sofrem preconceitos, não só da sociedade heteronormativa, mas também da própria comunidade LGBT, por sua falta de enquadramento em um determinado padrão imposto, pela expressão da sua liberdade de vida que é vista como libertinagem.

Além de sofrerem com o desprestígio e a falta de reconhecimento de uma parcela da própria comunidade gay, esses indivíduos são os representantes da comunidade LGBT que acabam sendo alvo de maior vulnerabilidade nos crescentes e assustadores números de homicídios por “LGBT

fobia” no país. Segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil é o país que mais mata gays, lésbicas, transexuais e travestis em todo o mundo.¹

Baseado nessa premissa básica, justifica-se a importância desse trabalho, por procurar desconstruir esses estereótipos que são impostos pela sociedade heteronormativa de forma normatizadora e, conforme já afirmamos, são apropriados até mesmo por membros da própria comunidade LGBT de modo geral, gerando exclusão social, estigmatizações e em muitos casos, violências e mortes a muitos desses indivíduos, que são mortos em função dos selos sociais que lhe são colocados e reforçados pela sociedade, muitas vezes de forma tão imperceptível quanto fatal.

Metodologia:

A metodologia desse trabalho é exploratória, na medida em que pretendemos investigar de forma crítica uma problemática social recorrente no Brasil, que é a questão dos rótulos e selos sociais impostos a determinados grupos da comunidade gay pela sociedade heteronormativa e patriarcal e apropriados por alguns membros da própria comunidade LGBT, na medida em que tais indivíduos não se adequam aos padrões e códigos sociais impostos por essa sociedade.

Resultado:

Os resultados dessa investigação são parciais, na medida em que não se pretende esgotar aqui a discussão sobre o assunto. Pelo contrário, pretende-se fomentar outros possíveis desdobramentos acerca da questão abordada. Nesse sentido, essa investigação chega ao resultado de que consiste por si só em uma reflexão crítica pertinente na pauta contemporânea acerca das figurações de gênero na sociedade brasileira, pensando sobre o peso dos “carimbos sociais” que determinados grupos recebem em função de seus comportamentos e suas formas de *ser* e *estar* no mundo.

É nesse sentido, que este trabalho traz problematizações acerca dos estereótipos de gênero e sexualidade daquilo que se consideram ser “gay”, “viado” e “bicha pão com ovo”, dando destaque ao peso social que esses termos carregam, associados a códigos sociais que se relacionam com performances de gênero, bem como seus desdobramentos, a saber: as estigmatizações, exclusões, violências e mortes, aos membros da comunidade gay no Brasil.

¹ Link: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf> Último acesso: 30/01/18

Discussão

Compreende-se que os perfis sociais são segmentados pela própria sociedade e delimitam a performance própria de cada gênero. Todavia, essas performances não se conformam em definições simplistas, não cabendo em meras formulações societárias.

Segundo Cavalcante (2015), há em nossa sociedade um perfil social que é legitimado de forma hegemônica, a saber: “o homem, masculino, hétero, branco e classe média, caracterizando-se por ser o perfil ideal a ser lido como normal e padrão em nossa sociedade.” (CAVALCANTE, 2015, p.29).

Esse perfil “ideal” e normatizador é, em sua maioria, transmitido para as crianças, em forma de herança cultural, logo ao nascer e se propaga ao longo de sua educação. No que se refere a isso, cabe destacar que

Assim, começamos a ser criados/educados e violentados para nos comportar ou como meninos ou como meninas. Caso não sigamos as normas, começamos a sofrer violências verbais e/ou físicas. Ou seja, a violência sofrida por aqueles que não seguem as normas comprova que a norma não é natural e normal. [...] A violência é o *modus operandi* com o qual a heterossexualidade sobrevive inabalável. Temos esse modelo hegemônico de heterossexualidade à custa de muito sangue e dor. (COLLING, 2012, p. 88).

Destacam-se, portanto, as regras ou códigos sociais, implicitamente inscritos no esteio social e ao passo em que limitam a descoberta da sexualidade para muitos, servem como um degrau de legitimação e autoafirmação para outros, que entendem que quanto mais próximo da performance hétero e masculinizado ele for, menos sofrerá com as discriminações e retaliações da própria sociedade.

Nesse sentido, cabe citarmos as palavras de Foucault, ao destacar a existência de políticas de coerções que consistem num trabalho sobre o corpo, em manipulações calculadas dos gestos, dos comportamentos: “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe.” (FOUCAULT, 1987, p.119).

Partindo dessa exposição, cabe pensarmos que Foucault (1987), utiliza-se das evidências dos mecanismos de controle presentes nas escolas para explicar as formas de cerceamento e controle produzidos na própria sociedade, que por sua vez, em razão de uma normatividade imposta, torna “anormal” tudo o que se contrapõe a ela.

Pensando nisso, urge no contexto atual se pensar em propostas educativas eficazes de fomento a discussão do assunto. Para que os discentes encontrem na escola não o repositório das imposições normatizadoras preponderantes na sociedade, mas sim a potencialização da sensibilidade para reconhecer as diferentes possibilidades de existência, no que concerne o pluralismo de identidades de gênero.

Tal abertura consiste, inegavelmente, em um passo muito importante para a visibilidade dessas existências e desenvolvimento de um olhar de maior respeito para as diferenças. Porque senão continuaremos a naturalizar posturas como a apontada por Cavalcante (2015) de que o gay que exerce a sua sexualidade em segredo, é mais “aceito” pela sociedade.

Nessa perspectiva, impõem-se o anonimato como condição para uma pseudoaceitação. E é seguindo essa perspectiva, que se constroem discursos do tipo: “Ser gay tudo bem, mas desde que expressem sua sexualidade entre quatro paredes”, legitimando o local privado, “entre quatro paredes”, como o único ambiente em que a sexualidade pode ser exercida. Em contrapartida, os heterossexuais, podem expressar a sua sexualidade livremente, em qualquer lugar.

Isso se dá, pois formas de manifestações da sexualidade homossexual em público, sejam através de um beijo, um abraço, ou andar de mãos dadas, são consideradas uma agressão à sociedade normatizadora da qual estamos falando.

A resposta que tal sociedade dá para a livre manifestação da sexualidade gay em público é a hostilização, quando não, outras manifestações de preconceitos que variam de agressões físicas, verbais e em muitas das vezes até a morte, não devendo esquecer, conforme já relatamos que o Brasil é o país número um em mortes de LGBTs em todo o mundo.

Baseado nisso, podemos citar Silva (2013), ao afirmar:

Sobre o preconceito, a segregação e o estigma é fato que precisamos "descongelar" as atitudes que causam violências e inferiorizações na sociedade e congelar, combater, impedir a intolerância de tal forma que possamos orientar a capacidade cognitiva e formativa do ser humano para que, finalmente, seja um indivíduo eminentemente humano. Reitero dizendo que o ser humano precisa se "humanizar", conhecer direitos, desenvolver aspectos sociais da vida cidadã, manifestar suas inquietudes e conquistar referências de respeito mútuo, especialmente entre as chamadas minorias sociais (SILVA. A, 2013).

De acordo com o afirmado acima, destaca-se que os parâmetros de “normalidade” e “anormalidade” produzidos por essa sociedade heteronormatizadora estão presentes em diversos "Aparelhos Ideológicos do Estado" (Althusser, 1987) como nas Escolas, nas Igrejas, na própria

Família, etc.; que por sua vez, ajudam a enfatizar os discursos de estigmatização e segregação social.

Não podemos deixar de destacar que os próprios membros da comunidade gay, mais especificamente aqueles que estão mais próximos de um padrão heterossexual, tendem a se apropriar dessas ideias, gerando dinâmicas sociais de exclusão entre indivíduos da mesma orientação sexual.

Em relação a isso, Cavalcante (2015) destaca que:

Trejeitos afeminados ou comportamentos que fujam da regra heteronormativa são passíveis de críticas e ofensas tanto de grupos heterossexuais como de grupos gays, configurando este o perfil que se percebe como do homossexual mais reprimido e perseguido por ser o que é. (CAVALCANTE, 2015, p.18-19).

É assim que chegamos aos rótulos que compõem o título desse trabalho: o gay, o “viado” e a “bicha pão com ovo”.

Primeiramente, cabe destacar que as manifestações da sexualidade, sejam elas heterossexuais ou homossexuais são construídas socialmente, portanto não devem ser encaradas de forma naturalizada.

No que se refere a isso, cabe citar Foucault (1999), quando afirma em seu estudo *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, que a sexualidade é reflexo de um aparato social e um processo de construção. Logo, se é construída socialmente, não devemos sobrepor, até mesmo dentro da própria comunidade gay, formas de ser homossexual, como legítimas em detrimento de outras. Pois, conforme já afirmamos, tal seleção daquilo que é normal e natural é pautado por uma elite social, heteronormativa e patriarcal.

Dentro da comunidade gay, a introjeção desse padrão heteronormativo, passou a ser reproduzido em sua maioria como exemplar. E aqueles que seguem esse padrão, se tornam um tipo de gay aceitável, “seu único desvio, digamos assim, é sua sexualidade que foge do padrão. Apesar disso, ele ainda consegue se ‘misturar’ com o resto dos homens héteros, pois, numa leitura rápida, ele pode não ter sua identidade homossexual identificada”. (CAVALCANTE, 2015, p.29).

Cabe ao dito gay “aceitável”, de acordo com os ditames sociais, exercer sua sexualidade em segredo, como condição para ser aceito. Desse modo, impõe-se o anonimato, o local privado, como condição para a pseudoaceitação.

O dito “viado”, por sua vez, aquele que se manifesta em público a sua orientação sexual. O dito gay que “saiu do armário”. Que não se contenta com o anonimato. Que expõe nas redes sociais a sua vida amorosa. Diante dele, há o peso da normatividade, estigmatizando suas ações.

Tal categoria se torna por muitos adeptos do senso comum, um ser diminuído, de segunda classe, em relação ao primeiro, isto é, ao gay. E sobre ele, há uma repressão contínua, que tenta negar sua subjetividade e desqualifica-lo toda vez que o termo “viado” ou “viadinho” é proferido com fortes conotações pejorativas.

Já a “bicha pão com ovo”, segundo as palavras de Cavalcante “são as bichas mais pintosas, femininas”. (CAVALCANTE, 2015, p.31). Ele ainda destaca que

A “bicha pão com ovo” tem uma estética e uma expressão de choque. Sem medo de usar um chortinho curto, uma blusinha apertada, um adereço no cabelo, um lápis e sombra nos olhos, uma boca marcada, ela é transgressora e perturba em sua performance. Sua essência é *queer*, de afronta e de assumir essa postura da diferença que não quer ser assimilada [...] Parece que o medo, para eles, foi deixado no armário. (CAVALCANTE, 2015, p. 42).

Eles, por sua vez, são vistos como uma verdadeira oposição ao perfil hegemonicamente estabelecido do homem heterossexual.

Assim, sua existência passa a ser vista por muitos como um incômodo. Muitos membros da própria comunidade LGBT se propõem a reverberar preconceitos do tipo: “é esse tipo de bicha que aumenta o preconceito” ou “esse tipo de gay escandalosa que não merece respeito”, dentre outras retaliações do gênero.

De acordo com Colleto (2014), existe em nossa cultura uma hierarquia entre gay afeminado e gay masculinizado e essa é uma herança social antiga (Colleto, 2014). No que se refere a isso, é enriquecedor citarmos Louro (2004) ao destacar que

Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir de padrões e referências, das normas, valores e ideias da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura. (LOURO, 2004, p.75).

E assim a heteronormatividade vem sendo fortalecida, propagando seus códigos de regulação e controle, padronizando os corpos e a consciência das pessoas, segmentando indivíduos da mesma orientação sexual e proliferando o preconceito, de diversas maneiras, fortalecendo o Brasil em uma de suas características mais marcantes, e não estamos falando do futebol ou do

carnaval, mas sim da homofobia, que levou o país a se tornar o lugar mais perigoso para os gays viverem, em todo o mundo, sendo 343 LGBTs assassinados somente no ano de 2016², ou seja, um a cada 25 horas, e 445 em 2017 no Brasil³, isto é, uma vítima a cada 19 horas, sendo este o maior número de casos de mortes relacionados a homofobia, desde que o levantamento começou a ser implementando, há 38 anos.

Considerações finais

Mediante ao exposto, compreende-se que não há como afirmar que exista um padrão específico que defina o não-heterossexual. Assim, dentro da comunidade LGBT, é evidente a existência de uma ampla gama de identidades de gênero e uma pluralidade de formas de se relacionar com a sexualidade.

Partindo desse pressuposto, fica claro que os meandros sociais que delimitam o comportamento heteronormativo como legítimo, justifica a sua existência no cerceamento da liberdade alheia, desdobrando-se, conforme pudemos observar, em uma sociedade pautada no controle dos corpos, na distribuição de rótulos estigmatizantes e na violências de todos os tipos.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

CAVALCANTE, U. N. S. Bicha pão com ovo: Um ensaio jornalístico sobre a desconstrução da heteronormatividade. Universidade Federal da Paraíba (UFPA). Trabalho de conclusão de curso (TCC). Paraíba/PB. 2015.

COLLETO, Luiz Henrique. REVISTA O VIÉS. **Sobre gostos e afeminações**. Link: <http://www.revistaovies.com/artigos/2014/02/sobre-gostos-eafeminacoes/> Último acesso: 31/01/18

COLLING, Leandro. Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero? In: Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e

² Link: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf> Último acesso: 31/01/18

³ Link: <http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em> Último acesso: 31/01/18

mídia. Larissa Pelúcio ... [et al.] (organizadores). - Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

Link: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ebook-olhares-plurais.pdf>

Último acesso: 31/01/18

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de L. M. Ponde Vassalo. Petrópoles: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

Link:

https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasesexualidade.pdf

Último acesso: 31/01/18

LOURO, Guacira Lopes. Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SILVA, A. K. L. S. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. Revista do NUFEN, v. 5, p. 12, 2013.